

# Um novo sistema literário se consolida: uma análise das obras de escritoras negras entre 2003 e 2023

*A New Literary System Takes Shape: An Analysis of the Works of Black Women Writers Between 2003 and 2023*

Virgínea Novack

Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

[novack.virginea@gmail.com](mailto:novack.virginea@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3089-3298>

Gabriel Chagas

Marist University – New York

[gabriel.chagas19@gmail.com](mailto:gabriel.chagas19@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-1681-8347>

## RESUMO

Com a aprovação das leis 10.639/2003 (ensino de história e cultura afro-brasileira) e 12.711/2012 (cotas), a discussão racial no Brasil assumiu novos contornos. Neste artigo, analisamos o período entre 2003 e 2023, sugerindo que houve nessas décadas a consolidação de um novo sistema literário de mulheres negras no Brasil. Pretendemos, com isso, contribuir para a compreensão da literatura contemporânea do país sob a perspectiva de raça e gênero, explorando a hipótese de que tais avanços sociais culminaram na consolidação de um novo sistema literário composto por mulheres negras. A partir do portal *LiterAfro*, utilizamos o método quantitativo para construir uma base de dados a respeito da produção de autoras negras nas duas primeiras décadas do século XXI. Nosso estudo segue a tradição teórica da decolonialidade, sustentando-se também na crítica literária afro-brasileira e nos estudos interseccionais.

**Palavras-chave:** literatura brasileira, feminismo negro, autoria de mulheres negras, decolonialidade, interseccionalidade.

## ABSTRACT

With the approval of Laws 10.639/2003 (teaching of Afro-Brazilian history and culture) and 12.711/2012 (affirmative actions), the racial discussion in Brazil took on new dimensions. This article analyzes the period between 2003 and 2023, suggesting that these decades witnessed the consolidation of a new literary system formed by Black women in Brazil. We aim to contribute to the understanding of contemporary Brazilian literature from the perspectives of race and gender, exploring the hypothesis that these social advancements have culminated in the establishment of a distinct literary system led by Black women authors. Drawing on the *LiterAfro* portal, we applied a quantitative method to build a database on the works of Black female authors in the first two decades of the

21st century. Our study follows the theoretical tradition of decoloniality and is grounded in Afro-Brazilian literary criticism and intersectionality.

**Keywords:** Brazilian literature, Black feminism, Black women authorship, decoloniality, intersectionality.

## INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira tem se consolidado como um campo fundamental para a compreensão das dinâmicas culturais, históricas e sociais do Brasil, mas, ao longo dos séculos, sofreu com o apagamento sistemático das vozes negras, especialmente das mulheres. No contexto atual, marcado por um movimento crescente de valorização da cultura e da identidade negra, a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, e a Lei de Cotas (2012), que ampliou o acesso de pessoas negras ao ensino superior, desempenham papéis decisivos na transformação do cenário literário e acadêmico.

Para desenvolvermos nossa reflexão realizamos uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de revisar os principais debates e avanços teóricos sobre literatura afrobrasileira, de modo a denunciar o apagamento de escritoras negras; apresentar as contribuições de críticas literárias negras no deslocamento da ideia de “literatura afrofeminina” para “autoria de mulheres negras”, bem como os principais debates relativos aos projetos literários dessas escritoras e, por fim, oferecer uma análise das informações sobre escritoras negras brasileiras no portal *LiterAfro* a fim de comprovar a tese de que há um sistema literário de escritoras negras se consolidando.

Para isso, com o objetivo de analisar a consolidação de um sistema literário afrocentrado de escritoras, especialmente a partir de 2014, contexto da aprovação da Lei de Cotas (2012), construímos uma base de dados a partir das informações apresentadas no portal *LiterAfro* (<http://www.letas.ufmg.br/literafro/>). Para consolidar a base, elegemos o recorte de escritoras com obras publicadas entre 2003 e 2023. Argumentamos, assim, que a Lei 10.639/03 foi o momento inicial de consolidação de um novo sistema literário, uma vez que afetou todos os espaços de ensino. A partir disso, foram selecionadas 50 escritoras negras brasileiras, totalizando 170 publicações. Nesse momento, o interesse da pesquisa é compreender o perfil das escritoras negras no Brasil (idade, origem, escolaridade) e analisar o tipo de literatura (em especial, gêneros literários — poesia, infantojuvenil, romance, conto, crônica, dramaturgia e cordel), bem como o

modo de circulação e interação com variados públicos leitores. Com esses dados, almejamos demonstrar que essas mulheres compõem hoje um sistema literário próprio de produção e circulação.

## **UM SISTEMA LITERÁRIO AFRO-BRASILEIRO**

A literatura negra tem gerado múltiplos debates acadêmicos nas primeiras décadas do século XXI. Dentre os temas mais explorados, estão as discussões sobre autoria negra, o papel dos leitores negros e brancos e as marcas literárias afrocentradas nesses textos. Nesse sentido, pensando na historicidade desse debate, propomos três momentos de formação da literatura afro-brasileira. Por esse motivo, investigamos a construção da ideia de literatura negra (Bernd, 1988), literatura negro-brasileira (Cuti, 2010) e literatura afrobrasileira (Duarte, 2011), somando-os as reflexões de Domício Proença Filho (2004). Nesse sentido, o trabalho comparativo de Zilá Bernd em *Introdução à literatura negra* (1988) evidencia as gritantes diferenças entre escritores negros e brancos, isto é, autores brancos tendem a ganhar mais notoriedade que seus pares negros ao criarem personagens negros, como os casos de Luiz Gama e Castro Alves. Esse pensamento é ainda corroborado por Domício Proença Filho em *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004) ao assumir que existem produções que colocam o negro como objeto (geralmente autores brancos) e o negro como sujeito (geralmente autores negros). No primeiro caso, há estereotipização das personagens negras, enquanto no segundo há uma representação voltada à experiência negra em si.

Denominamos o primeiro momento como “pré-formativo” para abarcar obras situadas entre o século XIX e meados do XX. Esse grupo de autores produziu suas obras de forma isolada, ou seja, antes da consolidação de um sistema afro-brasileiro. Assim, a principal marca desse momento é a existência de autores cujas obras foram valorizadas por um viés antirracista depois de suas mortes. Alguns exemplos são o resgate de Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis, assim como a abordagem crítica em perspectiva afrocentrada de Cruz e Souza, Machado de Assis, Lima Barreto e Ruth Guimarães.

Intitulamos o segundo momento como “formativo”, o qual se inicia a partir da década de 1970 com a organização de coletivos literários negros.<sup>1</sup> A partir dessa década, também marcada pela eclosão do movimento negro norte-americano e de independências africanas, escritores e escritoras negras no Brasil passam a confrontar, de maneira sistematizada, os referenciais racistas do cânone literário. Há nesse movimento uma aproximação com o movimento político, fazendo com que a literatura (principalmente a poesia) se centre na reivindicação de direitos. Em 1978, surge o Movimento Negro Unificado (MNU), o que também influencia a insurgência de grupos de escritores negros, tais como *Grupo Palmares* (1971), *Quilombhoje* (1980), *Negrícia* (1982) e *Grupo Gens* (1982). Em paralelo a esses coletivos, inauguram-se as primeiras editoras negras— Editora Pallas (1975) e Mazza Edições (1981). Além disso, é o contexto em que emergem os *Cadernos Negros* (responsabilidade do *Quilombhoje*) e várias coletâneas de autores negros, como *Axé: Antologia de poesia Negra contemporânea* (1982), organizada por Paulo Colina. Nessa geração, percebemos também que escritores e escritoras afro-brasileiras objetivam participar da literatura brasileira tida como “oficial”, o que fica evidente no exercício teórico de Cuti de definição da literatura negro-brasileira.

O terceiro momento se chama “contemporâneo” e iniciou-se na virada do século XX para o XXI. Fortemente relacionado à Lei 10.639/03 (2003), sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira, assim como a revolucionária Lei de Cotas (2012), propomos em nossa historização que tal grupo assume um novo perfil. Embora o tema da negritude se mantenha, essa geração de autores se preocupa menos com a resposta à tradição eurocêntrica branca e mais com o diálogo com leitores negros. Isso se dá, principalmente, pelo aumento do contingente de leitores negros nas universidades em virtude de tais políticas públicas. Consequentemente, surge também uma crítica literária especializada em obras afro-brasileiras, como é o caso dos conceitos de *Orality* (2003), de Leda Maria Martins, e *Escrivência* (2007), de Conceição Evaristo. Também surgem na segunda década do século XXI obras nas quais as categorias teóricas em questão se complexificam, tais como o argumento de Cuti em *Literatura negro-brasileira* (2010), em contraste à reflexão de Eduardo de Assis Duarte em *Por um conceito de literatura afro-brasileira* (2011). Por um lado, Cuti sugere que o termo mais adequado para definir a produção de autores negros seja literatura negro-brasileira, pois evidencia um sujeito

---

<sup>1</sup> Menciona-se aqui a *Tipografia Fluminense Brito & C* e *Tipografia Dous de dezembro* – Francisco de Paula Brito como espaços de resistência literária já no século XIX. No entanto, é no final do século XX que esses espaços se ampliam e começam a consolidar um sistema literário afrobrasileiro.

material e político, enquanto também o situa na realidade brasileira. Por outro lado, Assis Duarte defende a ideia de literatura afro-brasileira de modo a situá-la como resultado da diáspora africana, enfatizando a ancestralidade de sujeitos racializados no Brasil como processo de devir histórico. Assim, a multiplicidade de conceitos, inclusive divergentes, que emergem nos primeiros vinte anos do século XXI aponta para a complexificação do campo de estudos afro-brasileiros como característica central do momento contemporâneo desse sistema.

No entanto, as escritoras mulheres ainda figuram como minoria no estudo teórico dessa literatura. No caso de Zilá Bernd (1988), a análise está centrada exclusivamente em escritores homens: Luiz Gama e Castro Alves, assim como Jorge de Lima e Lino Guedes. No estudo de Domício Proença Filho (2004) sobre a trajetória do negro na literatura, surgem 6 mulheres dentre os 88 escritores e organizadores de coletâneas (Auta de Sousa, Aline França, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Miriam Alves e Maria da Paixão). Por fim, no *corpus* de Cuti (2010), há apenas 5 mulheres entre os 20 escritores mencionados (Serafina Machado, Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães, Elisa Lucinda e Cristiane Sobral).

Essas mulheres não são apresentadas como uma coletividade específica e em nenhum desses trabalhos há grandes menções ao fato de serem/existirem mulheres na literatura afro-brasileira, o que, em certo sentido, estimula o próprio apagamento das escritoras negras. Por outro lado, a crítica literária feminista igualmente não tem se debruçado sobre a escrita de mulheres negras enquanto um conjunto sistemático de obras. Logo, embora a intelectualidade acadêmica tenda a não compreender quaisquer mulheres como participantes da história literária brasileira, o pacto da branquitude (Bento, 2022) faz com que escritoras negras sejam duplamente apagadas como sujeitos de enunciação que formatam essa tradição cultural. Na verdade, como sugere María Lugones (2020), essa é uma realidade complexa e multifacetada, visto que homens racializados tendem a identificarem-se com as estruturas de privilégio do patriarcado e, assim, também demonstram indiferença às mulheres racializadas.

Tal abordagem crítica enquadra a literatura de mulheres negras como de menor relevância para o arcabouço literário nacional. Portanto, argumentamos que, até o começo dos anos 2000, tanto a crítica literária afro-brasileira quanto a crítica literária feminista, relegam a produção de mulheres negras ao segundo plano, ofuscando suas muitas contribuições. Por esse motivo vale questionar: qual espaço para a escrita de mulheres

negras no debate acadêmico? De que forma essas autoras compõem hoje um sistema literário?

## **UM SISTEMA LITERÁRIO DE ESCRITORAS NEGRAS: QUESTÕES PARA O DEBATE**

Até o começo dos anos 2000, não foram comuns as análises sistemáticas sobre a produção literária de mulheres negras no Brasil. No entanto, com o ingresso de mais mulheres negras nas universidades e a consolidação de grupos de pesquisa focados em suas produções, tem crescido o número de trabalhos de fôlego que buscam compreender essas literaturas.

Por esse motivo, o percurso teórico de nosso artigo se constrói em torno dos seguintes conceitos: *Literatura negra feminina* (Alves, 2010; Souza, 2017) e *Literatura afrofeminina* (Santiago, 2012). Como se vê, a discussão entre “negro” e “afro” como categorias de análise se mantém presente no estudo da autoria feminina. Somadas a essas reflexões, alguns outros textos apresentam novos termos para o debate. É o caso de *Vozes literárias de escritoras negras* (Santiago, 2012) e *Corpo de romance de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada* (Miranda, 2019), dois grandes projetos de compreensão da literatura negra escrita por mulheres.

Essas publicações mais recentes indicam um movimento de abandono do adjetivo “feminina” em prol de expressões como “escritoras negras”, “autoras negras” e “poetas negras”, ou seja, utiliza-se o substantivo relativo a sua função literária (escritora, autora, poeta) com o adjetivo “negra” com função de descrição. Em outras palavras, há uma espécie de abandono do debate abstrato “é ou não é literatura” e assume-se que sim, visto que essas mulheres negras adotam a denominação de escritores, autores e poetas e, por consequência, “participam da literatura”. Assim, embora o recorte temporal ainda seja curto, é possível assumir que há um momento de mudança histórica no uso de tais significantes, ou seja, até o final da primeira década do século XXI há um uso mais frequente do termo “feminina” qualificando um tipo de literatura produzida por escritoras negras, enquanto nos primeiros anos da segunda década do século XXI parece haver uma consolidação dessa literatura.

Tal mudança diz respeito ao movimento de uma posição de objeto para a condição de sujeito, como sugere bell hooks (2019) em sua teorização sobre raça e gênero. Assim, a representação estereotipada de mulheres negras — tradicionalmente feita por homens

brancos, tais como Aluísio de Azevedo e Jorge Amado — é questionada por autoras negras que repensam essa representação de origem colonial. Para Florentina de Souza,

A leitura de vários exemplos da textualidade brasileira, literária ou não, aponta para uma percepção do corpo da mulher negra como este objeto do prazer sem culpa para os homens brancos, do prazer primitivo, prazer livre das amarras da tradição judaico-cristã no qual a mulher negra figura apenas como objeto de consumo e de satisfação do homem (Souza, 2008, p. 106).

Souza ilustra seu exemplo a partir do caso de Sara Batmamann, uma mulher negra exposta em Paris e Londres ao longo do século XIX, como “atração” devido às suas formas corporais “exóticas”. Tal fenômeno atesta a objetificação do corpo da mulher negra, o que gerou consequências sensíveis em sociedades pós-coloniais. Nesse sentido, a enunciação dessas autoras torna-se uma tentativa de rompimento com tais ideias estereotipadas. Em outras palavras, a emergência sistematizada de escritoras negras coincide com o surgimento de narradoras e eu-líricas no feminino negro, os quais coincidem com as identidades das escritoras e seus pontos de vista. Florentina de Souza adiciona ainda a esse debate uma importante informação com relação às históricas representações de mulheres negras em comparação às mulheres brancas desde o século XIX, ao assumir que as heroínas românticas eram exemplos de pureza e honestidade, sendo representadas com descrições “brancas”. Contudo, “mesmo quando as convenções estéticas hegemônicas já não eram românticas, as mulheres negras continuavam sendo representadas como servas, prostitutas ou irresponsáveis e devassas” (Souza, 2008, p. 109).

Além disso, a participação feminina na literatura negra contemporânea representa não apenas uma renovação da escrita, mas também uma tentativa de superar as barreiras impostas pela discriminação social de raça e gênero, evidenciando um projeto literário cujo intuito é afirmar suas vozes e identidades. Desse modo, “o eu individual interpreta quase sempre o eu coletivo e sua poesia transforma-se numa convocação às mulheres da comunidade negra: a luta contra a reificação da mulher” (Bernd, 1989, p. 142), ou seja, as escritoras negras não estão propondo com isso uma espécie individual de empoderamento, mas uma ressignificação coletiva de padrões que o racismo insistiu em utilizar para menosprezar mulheres negras. Miriam Alves parece concordar com essa visão ao assumir que

Rompe-se, neste ato, com a parcialidade que é falar de literatura feminina (ou escrita por mulheres) sem levar em conta a amplitude das vivências relatadas pelas afrodescendentes. Não se trata de mera divisão temática somente, mas de

um chamado à revisão de conceitos, não só literários, mas de transformações da sociedade brasileira no cerne da mentalidade patriarcal subjacente, nascida claramente na instituição de um sistema escravocrata (Alves, 2010-2011, p. 188).

Por esse motivo, embora a ferramenta escolhida pelas escritoras seja *estética*, isto é, a literatura, há também um compromisso político de revisitar o papel relegado à mulher negra na sociedade brasileira. Isso se dá por uma perspectiva crítica de desconstrução de estereótipos, bem como pela elaboração de novos referentes para a construção de um mundo não pautado em valores racistas e patriarcais. Nesse movimento, escritoras negras tendem a evidenciar um local social específico, cujo ponto de vista não se equipara ao do homem negro, tampouco ao da mulher branca, resultando numa forma particular de diálogo tanto com homens negros, quanto com o feminismo branco. Afinal, “estas identidades que podem parecer, a espectadores apressados em conclusões, um cordão de isolamento entre as mulheres brancas e negras, é na verdade um chamado para a consciência da complexidade da divisão social do papel da Mulher” (Alves, 2010-2011, p. 187).

Em síntese, os debates literários contemporâneos consideram a centralidade da mulher negra no estudo de obras por elas escritas. Não se trata, porém, de um debate exclusivamente focado em representação. É, na verdade, assumir a literatura escrita por mulheres negras como forma de elaboração de sujeitos epistemológicos e ontológicos. Tais autoras complexificam a realidade brasileira ao marcar literariamente os papéis aos quais são relegadas ao mesmo tempo que sensibilizam suas leitoras, de modo a tanto convidar outras mulheres negras a somarem-se ao campo literário quanto sugerir uma reflexão antirracista às mulheres brancas e aos homens brancos e negros.

Esse movimento tensiona a tradição literária que historicamente representa a mulher negra de modo exotizado e sexualizado (Rita Baiana, Gabriela Cravo e Canela, Nêga Fulô, etc). As escritoras negras apropriam-se dos seus corpos, como Florentina de Souza (2007) afirma, aludindo positivamente a suas peles e cabelos, por exemplo. Não como marcas de sua sexualidade, mas como marcas de suas existências individuais e coletivas, relacionando-se à significante de positividade e beleza, o que raramente acontecia na tradição literária do Brasil. Para realizar tais operações, escritoras negras com frequência partem de exemplos históricos, como o poema “Mahin Amanhã”, de Mirian Alves, ou *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves — ambos alusivos à vida e ao legado de Luiza Mahin. Contudo, também utilizam referenciais contemporâneos,

motivados pela luta coletiva ao mesmo tempo que se constituem enquanto sujeitos sensíveis, críticos e (auto)reflexivos, que amam, odeiam, temem e lutam.

Ana Rita Santiago também contribui para esse debate com *Vozes literárias de escritoras negras* (2012), em que a pesquisadora analisa a obra de Angelita Passos, Aline França, Elque Santos, Fátima Trinchão, Jocélia Fonseca, Mel Adún, Rita Santana e Urânia Munzanzu. Esse tipo de levantamento coletiviza a produção de mulheres negras de modo a consolidar um sistema literário próprio.

Outro projeto que teve igualmente um objetivo de recuperação literária do povo negro é *Literatura e afrodescendência no Brasil*, projeto coletivo, organizado por Eduardo de Assis Duarte. Essa iniciativa contou com 65 pesquisadores e produziu nos 3 primeiros volumes informações biográficas, vida literária, estudo crítico e fragmentos dos escritores e escritoras selecionados. Posteriormente, publicou-se um quarto volume com entrevistas e reflexões mais amplas sobre literatura afro-brasileira. Esse extenso projeto reverbera nosso argumento em relação à consolidação de um sistema literário feminino afro-brasileiro, visto que, a partir de 1930, há um aumento de 50% na participação feminina (Duarte, 2011, p. 38).<sup>2</sup>

Fernanda Miranda (2019) enfoca a produção romanesca em sua pesquisa, realizando um exercício de reconhecimento de relações (e diferenças) na produção literária de escritoras negras. Essa premiada tese teve como objetivo *encruziphar* escritoras de modo a “tornar visível o *corpus* [de escritoras negras], e, por meio da leitura comparada, afirmá-lo como conjunto [...]” (Miranda, 2019, p. 11). Miranda explora as diversas divergências entre essas autoras, mas argumenta que existe nessa pluralidade um sistema literário. Por isso, é crucial observar o movimento inédito da tese escrita por Fernanda Miranda de analisar os romances<sup>3</sup> escritos por 8 mulheres negras ao longo dos três últimos séculos da literatura brasileira. São elas: Maria Firmina dos Reis, Ruth

---

<sup>2</sup> No volume 1, encontram-se as seguintes escritoras: Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Laura Santos e Ruth Guimarães. Já no volume 2, Mãe Beata de Yemonja, Maria Helena Vargas, Francisca Souza da Silva, Conceição Evaristo, Lourdes Teodoro, Geni Mariano Guimarães, Aline França, Cyana Leahy-Dios. Por fim, no 3 volume: Sônia Fátima da Conceição, Miriam Alves, Leda Maria Martins, Heloisa Pires Lima, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro, Jussara Santos, Ana Cruz, Cidinha da Silva, Ana Maria Gonçalves e Cristiane Sobral, totalizando entre os três volumes 25 escritoras negras escrevendo durante os séculos XIX, XX e XXI.

<sup>3</sup> São analisados os seguintes romances: *Úrsula* (1859), *Água funda* (1946), *Pedaços da fome* (1963), *Negra Efigênia, paixão de senhor branco* (1966), *A mulher de Aleduma* (1981), *As mulheres de Tijucoapapo* (1982), *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Um defeito de cor* (2006).

Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Anajá Caetano, Aline França, Marilene Felinto, Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves.

Em outras palavras, a clássica pergunta de Gayatri Spivak (2010) sobre o subalterno poder ou não falar já está superada na crítica literária brasileira, uma vez que, como se percebe, mulheres negras têm falado há pelo menos dois séculos. Há sem dúvidas uma história apagada, que vem sendo reconstruída, mas há um presente em que pouco se sabe ainda sobre o que significa no Brasil ser uma escritora negra. Por isso, este artigo almeja conhecer o perfil da escritora negra brasileira, buscando tanto dados biográficos quanto dados de produção e circulação literária entre 2003 e 2023. Na análise a seguir, buscaremos responder questões como: Quem são as mulheres negras que estão fazendo literatura hoje? Onde nasceram e onde vivem? Onde estudaram ou onde aprenderam a ser escritoras? Quais livros e quando publicaram? Por quais editoras? Quais gêneros mais escrevem?

## UM SISTEMA LITERÁRIO DE ESCRITORAS NEGRAS: UMA ANÁLISE DE 2003 A 2023

Sem negar a necessidade de recuperação histórica de escritoras negras apagadas, essa análise repousa sobre a literatura contemporânea, algo que convencionamos chamar de terceiro momento da literatura afro-brasileira. A criação da Lei 10.639/03 é crucial para evidenciar a cultura e a literatura afro-brasileira, além da Lei de Cotas (2012), a qual ampliou o ingresso da população negra ao nível superior. Soma-se a isso, a criação da editora especializada na literatura produzida por mulheres negras, Editora Mjiba,<sup>4</sup> em 2012, assim como a publicação de várias coletâneas de escritoras negras em 2011<sup>5</sup>. Além disso, ainda, vale mencionar a publicação de dois romances de escritoras negras que recebem o prêmio São Paulo de literatura de 2024, sendo uma do Rio Grande do Sul, Eliane Marques, com *Louças de família* (2023) e outra da Bahia, Luciany Aparecida, com *Mata Doce* (2023). Interessante perceber, contudo, que ambas foram publicadas por editoras sudestinas (respectivamente Autêntica de Belo Horizonte e Alfaguara do Rio de

---

<sup>4</sup> <https://literatura-negra-feminina.lojaintegrada.com.br/>

<sup>5</sup> São elas: *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras*, que saiu pela Bazar do Tempo, organizada por Júlio Ludemir, *Quilombellas americanas* (em dois volumes), organizada por Ana Rita Santiago, Cláudia Santos e Mel Adún, pela editora Ogum's Toques Negros, *Poetas negras brasileiras*, organizada por Jarid Arraes publicada pela Editora de Cultura de São Paulo, *Literatura negra feminina: poemas de sobre(vivência)*, organizada por Elizandra Souza e Iara Aparecida, publicada pela editora Mjiba.

Janeiro), o que aponta para um mercado editorial ainda geograficamente concentrado no eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais.

Assim, o foco adotado aqui parte da questão da autoria, mais especificamente das escritoras selecionadas para participarem do projeto *LiterAfro*, o portal de literatura afro-brasileira, presente na Internet desde 13 de dezembro de 2004, sediado no NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade –, da Faculdade de Letras da UFMG. Partindo das autoras, foi possível rastrear a sua produção (quantidade de livros publicados e principais gêneros literários) e identificar uma espécie de geografia da circulação literária negra brasileira, construindo um banco de dados.

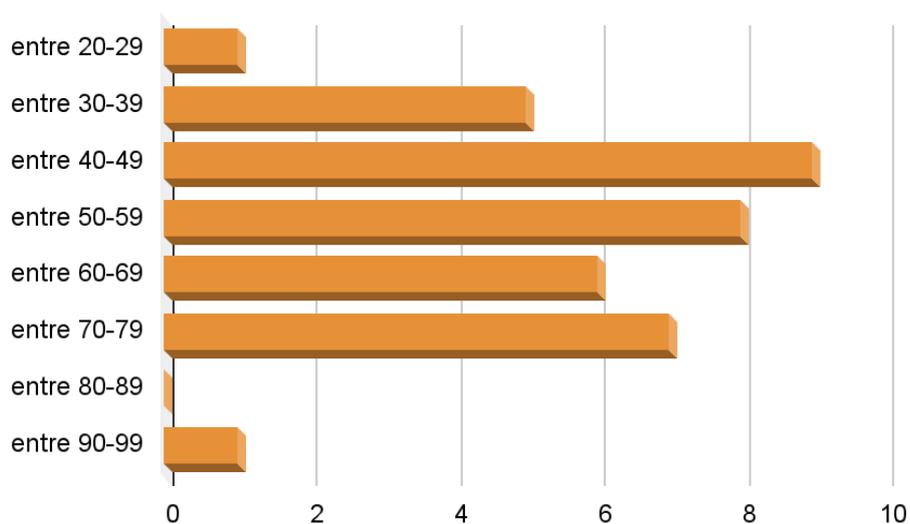
Foram selecionadas 50 escritoras que atendiam ao critério de terem publicado pelo menos um livro inédito e individual entre 2003 e 2023. Dentre as escritoras selecionadas citam-se Aidil Araújo Lima, Alcidéia Miguel, Alzira dos Santos Rufino, Ana Cruz, Ana Fátima, Ana Maria Gonçalves, Carmen Faustino, Cidinha da Silva, Conceição Evaristo, Consuelo Dores Silva, Cristiane Sobral, Cyana Leahy-Dios, Débora Garcia, Elaine Marcelina, Eliana Alves Cruz, Eliane Marques, Elisa Pereira, Elizandra Souza, Esmeralda Ribeiro, Fernanda Bastos, Geni Guimarães, Heleine Fernandes, Heloisa Pires Lima, Inaldete Pinheiro de Andrade, Jenyffer Nascimento, Jussara Santos, Kiusam de Oliveira, Lia Vieira, Lílian Paula Serra e Deus, Lilian Rocha, Livia Natália, Lu Ain-Zaila, Lubi Prates, Luciany Aparecida, Madu Costa, Mãe Stella de Oxóssi, Mel Adún, Mel Duarte, Miriam Alves, Natasha Felix, Neide Almeida, Nina Rizzi, Nívea Sabino, Oluwa Seyi, Patrícia Santana, Raquel Almeida, Rita Santana, Sandra Menezes, Tatiana Nascimento e Zainne Lima.

Embora Carolina Maria de Jesus e Ruth Guimarães estivessem originalmente nessa listagem, as escritoras foram excluídas, pois suas obras publicadas depois de 2003 tratavam-se de reedições e, na seleção realizada para essa pesquisa, optamos por analisar apenas produções inéditas, apesar do interesse por parte do mercado editorial em reeditar textos de escritoras negras. Isso porque nos dedicamos nesta investigação a consolidação contemporânea de um sistema literário afrofeminino no Brasil. Essas não são *todas* as escritoras negras brasileiras, mas as escritoras reconhecidas pelo portal *LiterAfro* até o momento como escritoras representativas da literatura afro-brasileira. Por fim, escritoras que publicaram exclusivamente em coletâneas e antologias, mesmo depois de 2003, também foram deixadas de fora, uma vez que a intenção desta pesquisa foi a de observar a produção individual. Como mencionamos, no entanto, a produção coletiva é crucial no

estabelecimento da literatura negra, o que se reverbera, por exemplo, nos conceitos de *Escrevivência e Oralitura*.

A partir dos recortes mencionados, então, foi possível construir um banco de dados de 50 escritoras, dentre as quais 37 tiveram seu ano de nascimento identificado e 13 não, de acordo com dados do site em análise. A maioria das escritoras nasceu durante a ditadura civil-militar brasileira, tendo visto em sua juventude a força do Movimento Negro. Esse recorte etário demonstra que o perfil da escritora negra no Brasil destoa da imagem comumente disseminada de uma idosa contadora de histórias, ao passo que também se afasta da jovem em início de carreira, como as atuais *slammers*. Ainda que ambos os grupos existam e tenham relevância central na literatura afro-brasileira hoje, a maioria das mulheres negras que publicam no Brasil estão entre 40 e 59 anos, como demonstra o gráfico abaixo:

**Gráfico 1 - idade das escritoras**

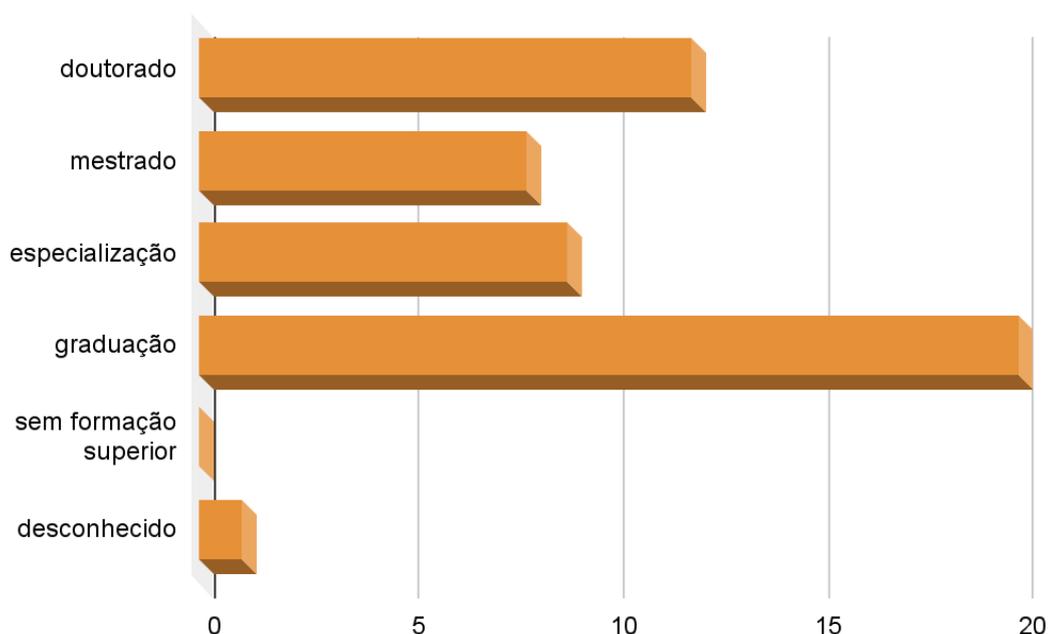


Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Soma-se à questão da idade o fator de formação acadêmica destas escritoras, todas as quais, com exceção de uma autora não-identificada, possuem formação em nível superior, sendo 20 delas graduadas, 9 com especialização completa, 8 mestras e 9 doutoras. Isso significa dizer que as escritoras negras possuem um alto grau de formação acadêmica, contrariando o estereótipo de escritora moradora das favelas e pouco instruída, por exemplo. Portanto, a consolidação do sistema literário que aqui investigamos está intimamente relacionado à expansão do ensino superior, algo que

reverbera a tendência histórica de sujeitos negros se apropriarem da educação formal como ferramenta de emancipação. Tal é o caso, por exemplo, de Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis desde o século XIX.

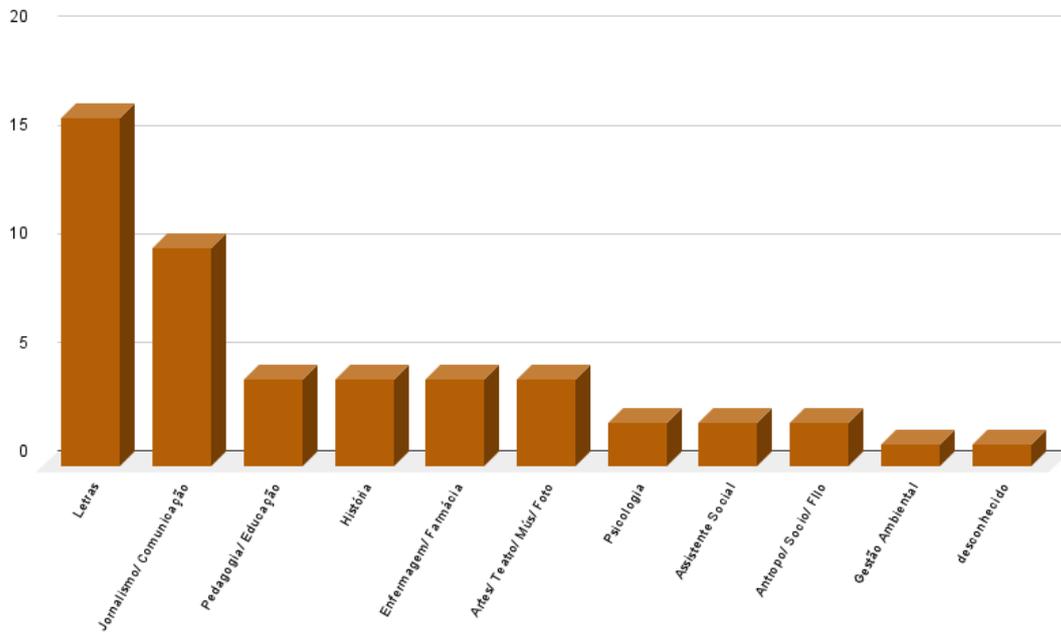
**Gráfico 2 - Formação das escritoras**



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Ainda é relevante relatar que a área de formação da maioria destas escritoras está vinculada a cursos superiores e de pós-graduação em Letras, Comunicação Social e Artes (30 escritoras no total), seguido das áreas da saúde em cursos como Enfermagem, Farmácia, Psicologia e Assistência social (10) e, por fim, são formadas em áreas de Pedagogia/Educação, História, Antropologia, Filosofia e Sociologia (10). Logo, essas autoras estão ligadas em primeiro lugar à comunicação e às artes e, em segundo, às áreas do cuidado e às docências, o que pode refletir um projeto coletivo do cuidado social. O gráfico a seguir apresenta detalhadamente, por curso, a formação das escritoras:

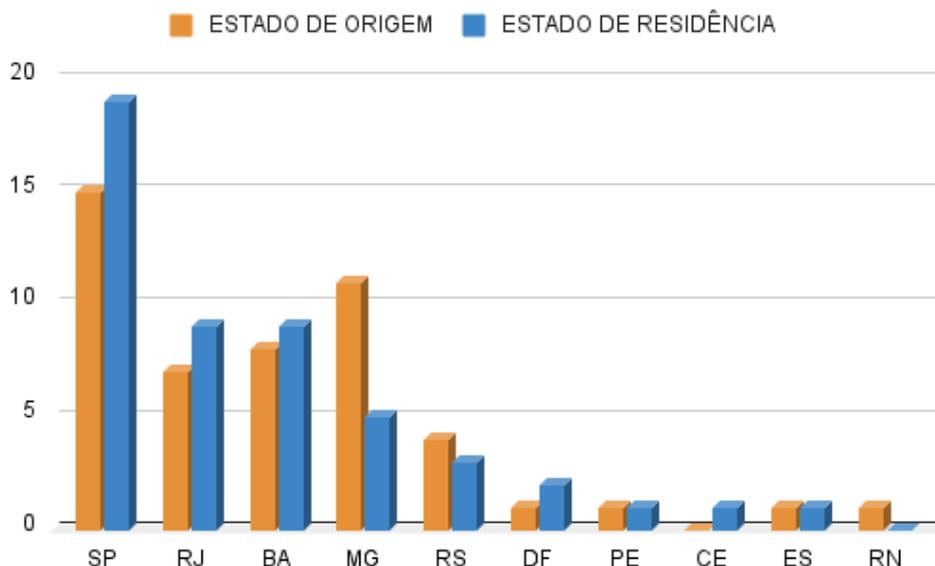
Gráfico 3 - Área de formação das escritoras



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Por fim, ainda no que diz respeito aos dados biográficos destas escritoras, vale o reconhecimento geográfico de sua circulação. O gráfico a seguir, no entanto, divide-se em duas colunas, sendo a primeira o estado de nascimento das escritoras (laranja) e o segundo o estado de residência em 2024 (azul). Essa análise teve fundamentalmente dois objetivos: o primeiro de reconhecimento de uma tendência do próprio *corpus* em análise, isto é, de onde são as escritoras negras apresentadas neste estudo. Iluminar o recorte também ajuda a evidenciar as ausências em vários estados brasileiros, uma vez que a maioria das escritoras se concentra nos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, o que não causa estranhamento dada a construção colonial do Brasil. Vale ainda comentar que o projeto *LiterAfro* está sediado em Minas Gerais, o que certamente possibilita um maior acesso à produção de escritoras nascidas nesse estado. No entanto, o que é possível perceber na coluna azul é que muitas escritoras nascidas em Minas Gerais acabam migrando para outros estados, possivelmente Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de maior reconhecimento literário:

**Gráfico 4 - Estado de origem x Estado de residência**



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A região Nordeste tem sido, historicamente, crucial no estabelecimento da literatura afro-brasileira, como o caso do baiano Luiz Gama e da maranhense Maria Firmina dos Reis ainda no século XIX. No contexto atual, a Bahia desponta como um espaço relevante de entrecruzamento de autoras negras, expandindo a tendência do mercado editorial, ainda centrado no eixo Rio-São Paulo. Ainda se tratando de referencialidades geográficas, ressaltamos a distribuição dessas autoras com base no estado das editoras que as publicam. Ao investigar três das mais importantes editoras nacionais (Record, Rocco e Companhia das Letras), Regina Dalcastagnè aponta que, dos 165 autores de romances brasileiros publicados por esses grupos entre 1990 e 2004, “são brancos 93,9% dos autores e autoras estudados (3,6% não tiveram a cor identificada e os ‘não brancos’, como categoria coletiva, ficaram em meros 2,7%)” (Dalcastagnè, 2012, p. 160). Logo, o predomínio da branquitude enquanto sistema se evidencia também na própria composição do mercado editorial.

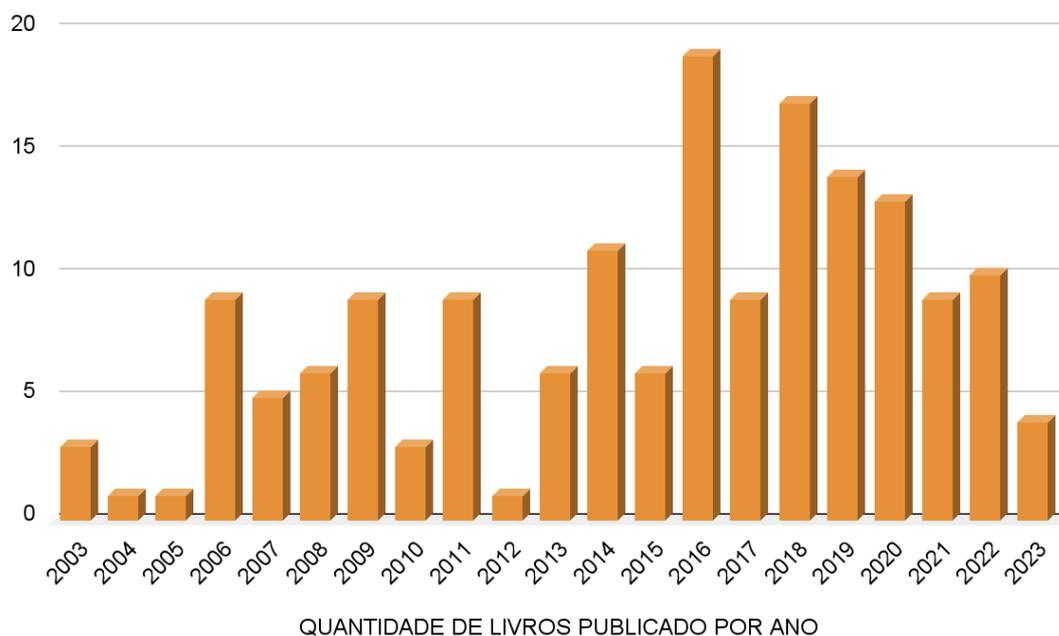
Por isso, é interessante notar que, a partir de 2003, ano que serve de ponto de partida para nosso estudo, um sistema literário afrocentrado de fato ganha mais força no Brasil. Ainda assim, as escritoras negras de maior repercussão publicam suas obras, na maioria das vezes, em editoras de menor capital financeiro e, geralmente, especializadas em literaturas negras. Nesse caso, o que se deve assumir não é que mulheres negras não

escreviam antes de 2003, mas sim que não chegavam a ganhar notoriedade por não serem publicadas/distribuídas por grandes editoras.

Por esse motivo, exploramos a publicação dos 170 livros das 50 escritoras em análise, o que nos possibilita perceber que a consolidação do sistema literário afrofeminino no começo do século XXI deve muito à organização de grupos editoriais independentes. Percebemos, nesse sentido, que a grande maioria das obras foi publicada no estado de São Paulo (63 livros), o que mais uma vez corrobora nossa hipótese sobre a migração das escritoras para esse estado. Os outros principais estados são o Rio de Janeiro (31 livros), Minas Gerais (31 livros) e Bahia (22 livros). A conclusão mais relevante dessa análise diz respeito à pouca inserção dessas autoras em grandes grupos editoriais. Afinal, segundo os dados do *LiterAfro*, dentre esses 170 livros, apenas 3 foram publicados pelas editoras analisadas por Dalcastagnè: *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, pela Editora Record (Rio de Janeiro), *Solitária* (2022), de Eliane Alves Cruz, pela Companhia das Letras (São Paulo) e *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, pela Alfabeta (Grupo Companhia das Letras), no Rio de Janeiro. As demais obras foram, em sua maioria, publicadas por editoras especializadas em literatura negra: De Minas Gerais, as Editoras Mazza (14 livros) e Nandyala (10 livros); do Rio de Janeiro, Editora Malê (10 livros) e Editora Pallas (4 livros); de Salvador, a editora Ogum's Toques Negros (6 livros); de São Paulo, a Editora Mjiba (4 livros); de Brasília, Padê editorial (3 livros). A Editora Patuá (6 livros), também de São Paulo, não é especialista em literatura negra, mas também está fora dos grandes grupos editoriais do país.

Essa análise revela que ainda são poucas as escritoras negras que adquirem grande circulação de seus textos, uma vez que não são publicadas por grandes editoras. Esses dados também revelam que a literatura de mulheres negras está sendo editada (e muito possivelmente lida) quase exclusivamente por outras mulheres negras. Também não é coincidência a expansão dessas obras num contexto de difusão da Internet no Brasil (2003-2023), visto que, sem acesso aos grupos editoriais hegemônicos, muitas vezes as redes sociais se tornam plataforma de divulgação dessas obras literárias. Isso, no entanto, não diminui a potência do projeto literário de escritoras negras, que a cada ano publicam mais, como se pode observar no gráfico a seguir:

**Gráfico 5 - Quantidade de livros publicados por ano**



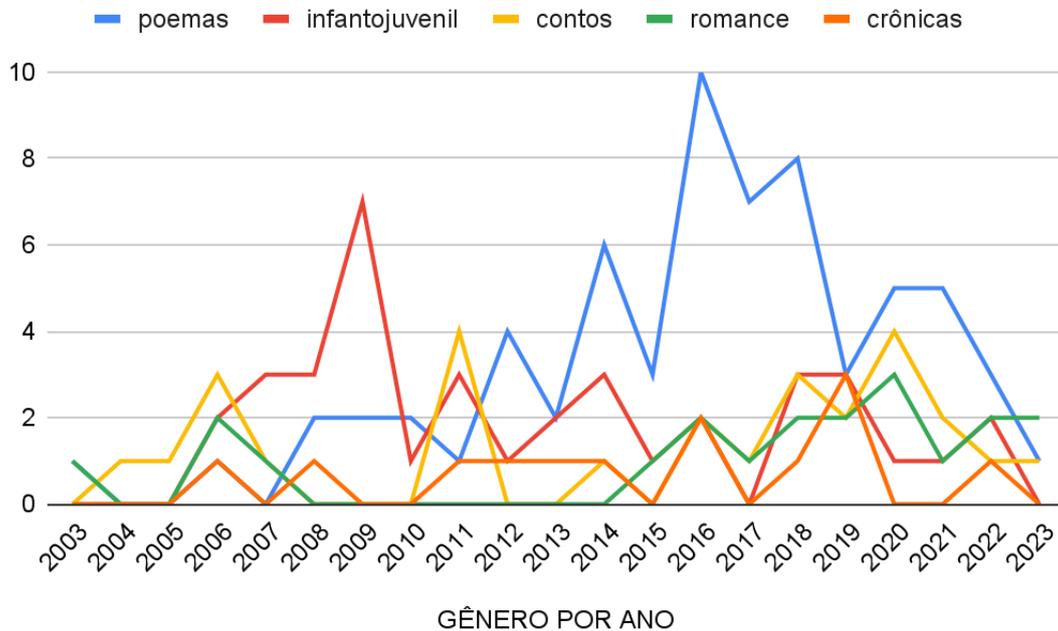
Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Esse gráfico evidencia uma crescente que se consolida especialmente em 2016, ou seja, exatamente 4 anos após a criação da Lei de Cotas, em 2012, quando as primeiras alunas beneficiadas pelas ações afirmativas se formaram no ensino superior. Isso não significa dizer que essas autoras foram necessariamente cotistas em sua formação, mas permite inferir que tal acesso à educação afetou a circulação e o consumo de obras de autoria negra no Brasil, uma vez que a universidade tornou-se ponto de encontro e local de reivindicação de direito à voz e à subjetividade. Entre 2021 e 2023, há uma certa estabilidade de cerca de 10 livros por ano. Essa queda pode ter sido reflexo tanto da pandemia de COVID-19 quanto de políticas públicas de apagamento e exclusão promovidas pelo governo Bolsonaro.

Aprofundando a análise da produção literária, é possível perceber como essas obras estão divididas por gênero. Os poemas se destacam, sendo 66 dos 170 livros publicados. Além disso, 38 são infantojuvenis, 27 de contos, 20 romances, 13 de crônicas, 4 de dramaturgia e 1 cordel. No entanto, no gráfico a seguir, é possível perceber um claro crescimento nos textos de autoria de mulheres negras entre 2016 e 2019. Isso sugere um processo de consolidação de um sistema literário próprio, tanto pela ampliação de escritoras quanto de leitores e leitoras. No gráfico a seguir, demonstramos o aumento de

cada um desses gêneros com o passar do tempo, evidenciando que, com exceção das obras infantojuvenis, todos os demais gêneros tiveram um aumento a partir de 2015:

**Gráfico 6 - Quantidade de obras por gênero x ano**



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

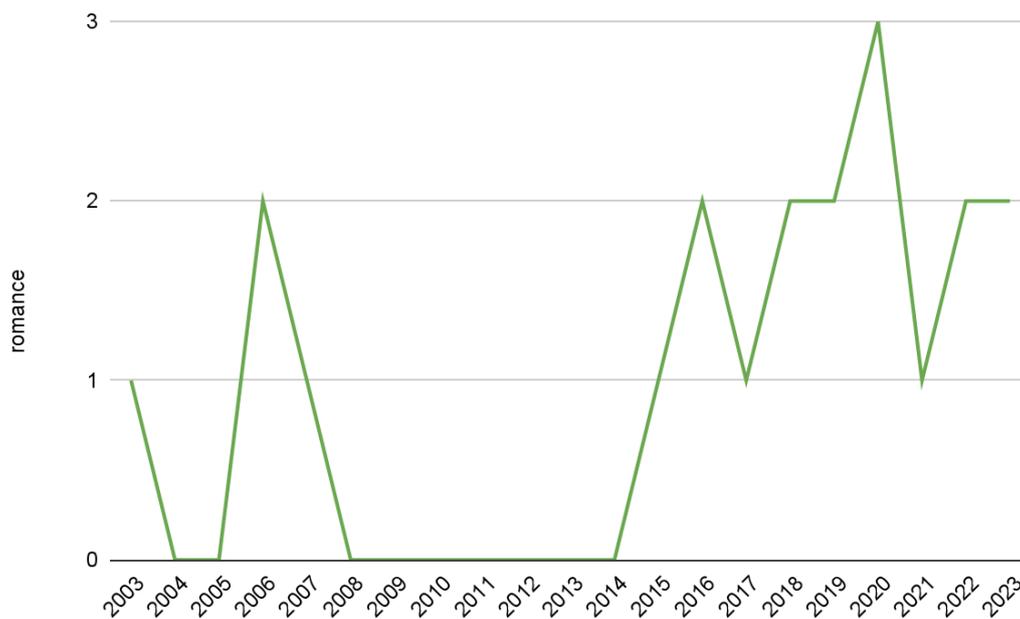
Ao observar particularmente a linha relativa ao romance (verde), é possível reforçar o argumento da consolidação do sistema literário, visto que romances são textos mais longos e que, geralmente, necessitam de maior tempo de preparação. Desse modo, a ascensão tardia dos romances negros alinha-se à reflexão proposta pela inglesa Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1985) de que as mulheres precisam de condições materiais para realizar a escrita literária. Essa leitura, no entanto, não considera a intersecção de gênero, classe, raça e lugar de origem que aqui nos interessa. Cuti, nesse sentido, adiciona uma relevante nuance a esse debate, ao afirmar que

Considerando que a formação de um escritor é muito cara, pois envolve educação formal (escola) e informal (cursos paralelos de idiomas, redação, autodidatismo etc.), vemos que o desenvolvimento da literatura negro-brasileira necessitou e necessita que a população, cuja subjetividade é o fator fundamental daquela vertente, elabore a sua ascensão social. São, portanto, fatores essenciais para se desenvolver uma literatura: o acesso à alfabetização, à leitura e a prática da escrita literária, aquisição de bens culturais (livros, CDs, DVDs), disponibilidade de tempo, isolamento físico com espaço adequado para produção de textos, equipamentos para a escrita e pesquisa, crise de identidade gerada principalmente pelo afastamento cultural, o que faz o autor lançar-se em busca das raízes perdidas, competição social de onde se dá o

encontro com a prática do racismo e a conscientização de que ela implica vários aspectos (econômicos, psicológicos, religião, estéticos etc.) (Cutí, 2010, p. 29-30).

Aproximando essas reflexões da ideia que defendemos até agora, é possível assumir que uma mudança cultural vem ocorrendo no cenário brasileiro. Especialmente manifestada pela ampliação de vagas nas universidades, consolidação de grupos e áreas de pesquisa e disponibilização de espaço de encontro entre sujeitos (suas visões de mundo) historicamente negligenciados pelos espaços formais de ensino. Dito de outro modo, a biblioteca da universidade torna-se o “teto todo seu” das escritoras negras. Isso indica a urgência do debate sobre a entrada na universidade, mas, igualmente importantes, são as políticas de permanência dessas mulheres no ensino superior, uma vez que, após ingressarem, necessitam também de estrutura material para concluir seus estudos e, conseqüentemente, suas obras literárias. Não por acaso, os 20 romances publicados entre 2003 e 2023 foram escritos por 11 autoras, das quais todas têm formação superior e 9 delas têm títulos de pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado). Além disso, 3 das 11 escritoras atuam como docentes em cursos de graduação e pós-graduação.

Soma-se a isso, ainda, a questão de que os romances parecem despertar mais o interesse de grandes editoras do que livros de outros gêneros. É possível assumir ainda que há também um preterimento de poesia das grandes editoras, possivelmente pelo número de vendas. No gráfico a seguir, focalizando nos romances, fica evidente que, depois de 2015, há uma constância de publicações nunca vista antes: dos 20 romances publicados entre 2003 e 2023, 16 são posteriores a 2014, ou seja, 2014 fica marcado como ponto de virada na produção romanesca de mulheres negras.

**Gráfico 7 - Quantidade de romances publicados por ano**

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A seguir, encontra-se a tabela de romances utilizados como base para a criação do gráfico anterior. Vale retomar, por isso, algumas questões, evidenciadas pelos dados no que diz respeito à escrita de romances<sup>6</sup>. Em primeiro lugar, o nome com maior recorrência é o de Eliane Alves Cruz, que tem 4 romances, sendo o primeiro publicado por uma premiação, o segundo pela Editora Malê e o terceiro pela Editora Pallas. Já o seu quarto livro, “Solitária”, é publicado pela editora Companhia das Letras. No entanto, a maior parte das escritoras veem seus romances publicados em editoras especializadas em literatura negra e/ou editoras independentes. Há ainda casos em que a edição fica por conta da própria autora, como os casos de Alzira dos Santos Rufino e Lu Ain-Zaila, quadro que limita bastante a circulação de tais textos.

<sup>6</sup> Foram retiradas desta listagem os livros classificados como infanto-juvenil mesmo que se tratassem de novelas/narrativas longas.

**Tabela 1 - Romances publicados pelas escritoras negras brasileiras**

1	2003	Conceição Evaristo	Ponciá Vicêncio	Belo Horizonte: Mazza	MG
2	2006	Conceição Evaristo	Becos da Memória	Belo Horizonte: Mazza	MG
3	2006	Ana Maria Gonçalves	Um defeito de cor	Rio de Janeiro: Record	RJ
4	2007	Alzira dos Santos Rufino	A mulata do sapato lilás	Santos: edição da autora	SP
5	2015	Miriam Alves	Bará na trilha do vento	Salvador: Ogum's Toques Negros	BA
6	2016	Eliana Alves Cruz	Água de barrela	Brasília-DF: Fundação Cultural Palmares	DF
7	2016	Lu Ain-Zaila	(In)Verdades Duologia Afro-Brasil	Rio de Janeiro: Edição da Autora	RJ
8	2017	Lu Ain-Zaila	(R)Evolução Duologia Afro-Brasil	Rio de Janeiro: Edição da Autora	RJ
9	2018	Eliana Alves Cruz	O crime do cais do Valongo	Rio de Janeiro: Malê Editora	RJ
10	2018	Conceição Evaristo	Canção para ninar menino grande	São Paulo: Ed Unipalmares	SP
11	2019	Miriam Alves	Maréia	Rio de Janeiro: Editora Malê	RJ
12	2019	Lu Ain-Zaila	Ìségún	São Paulo: Monomito	SP
13	2020	Luciany Aparecida/ Ruth Ducaso	Florim	Salvador: Boto cor-de-rosa livros, arte e café/paralelo13S	BA
14	2020	Eliana Alves Cruz	Nada digo de ti, que em ti não veja	Rio de Janeiro: Pallas Editora	RJ
15	2020	Alcidéia Miguel	Um amor feito tatuagem	São Paulo: Scortecci Editora	SP
16	2021	Sandra Menezes	O céu entre mundos	Rio de Janeiro: Editora Malê	RJ
17	2022	Eliana Alves Cruz	Solitária	São Paulo: Companhia das Letras	SP
18	2022	Lílian Paula Serra e Deus	Os caras da casa de vidro	São Paulo: Editora Patuá	SP
19	2023	Eliane Marques	Louças de família	Belo Horizonte: Autêntica	MG
20	2023	Luciany Aparecida	Mata Doce	Rio de Janeiro: Alfaguara	RJ

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Apesar de que a maioria dos romances no período estudado sejam publicados por editoras de menor circulação, as quatro obras lançadas entre 2022 e 2023 foram editadas por grandes grupos do mercado literário brasileiro. Nesse sentido, se em 2014 a publicação de romances deu um salto, em 2022 começa atingir públicos mais variados, em paralelo a uma maior recepção crítica e mercadológica. Sob essa perspectiva, premiações de relevo nacional, tais como o prêmio São Paulo de literatura<sup>7</sup> de melhor romance e melhor romance de estreia de 2023, por *Mata Doce* e *Laços de Família* indicam que a Academia e a crítica estabelecida no Brasil passam também a reconhecer esse sistema literário afrofeminino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, portanto, sugere que as escritoras negras brasileiras têm estabelecido um sistema literário próprio no que diz respeito à escrita, edição e circulação de suas obras. Com nossa análise, percebemos que o perfil da escritora negra contemporânea, contrariando estereótipos, é de mulheres entre 40 e 59 anos com sólida formação acadêmica provenientes principalmente dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, revelando, portanto, a predominância do Sudeste. Isso não significa que não haja produção de mulheres negras em outros estados, mas indica a necessidade de um levantamento mais amplo que descentralize o sudeste como centro literário do país.

Quanto às obras, percebemos que há entre 2003, ano de publicação de Lei 10.639/03, responsável por ampliar o debate racial no âmbito do ensino, e 2023 um significativo crescimento no número de obras literárias publicadas por escritoras negras, especialmente a partir de 2014, dois anos após a consolidação da Lei de Cotas. Foi esse também o contexto de início da fase que aqui propomos intitular como terceiro momento da literatura afro-brasileira. Percebemos ainda a partir de 2022 o princípio de uma nova

---

<sup>7</sup> Vale a menção ao fato de que vários outros livros também vêm recebendo importantes prêmios literários. Em 2006, Ana Maria Gonçalves ganhou o prêmio *Casa de las Américas* pelo livro *Um defeito de cor*. Além dela, Eliane Alves Cruz em 2015, por *Água de barrela*, ganhou o Prêmio Oliveira Silveira, da Fundação Cultural Palmares e, em 2019, *O crime do Cais do Valongo* foi semifinalista do Prêmio Oceanos. Já Sandra Menezes, com o livro *O céu entre mundos*, foi finalista do prêmio Jabuti de 2022 e vencedor do prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2022. Por fim, Conceição Evaristo recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de literatura pelo conjunto da obra em 2017, além de ter sido eleita imortal da academia mineira de Letras.

guinada nas produções de escritoras negras, as quais passam a transitar em editoras de grande circulação, especialmente no que diz respeito à publicação de romances.

Assim sendo, esperamos que nosso levantamento de dados e a sua análise crítica possam contribuir para o campo de Estudos Literários no Brasil, em especial aos Estudos Negros e suas implicações na literatura brasileira. Investigações futuras podem explorar outros aspectos do campo, tais como uma pesquisa estatística de outros gêneros como poesia, contos e literatura infanto-juvenil, similar ao que realizamos neste artigo, para compreender mais amplamente a circulação de outros gêneros no sistema literário afrocentrado. Além disso, futuros trabalhos podem abordar os usos da Internet na circulação dessas obras literárias e a possível emergência de um quarto momento da literatura afro-brasileira a partir da terceira década do século XXI. Desse modo, buscamos fomentar uma interpretação mais amadurecida sobre a literatura afrofeminina contemporânea, estimulando possibilidades de ensino, pesquisa e extensão que versem sobre essa temática.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Mirian. *A literatura negra feminina no Brasil - Pensando a existência*. Revista da ABN, v.1, n.3, 2010-2011, p. 181-189.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras: São Paulo, 2022.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. Editora brasiliense: São Paulo, 1988.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências, Brasília, DF, 29 ago. 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 27 mar. 2025.

CUTI, Luis Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Editora Horizonte, Vinhedo & Editora UERJ, Rio de Janeiro, 2012.

DUARTE, Eduardo. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. In DUARTE, E. A. e FILHO, Domicio Proença. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estudos avançados, 18, 50, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Vol 4: História, teoria e polêmica, 2011.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LUGONES, Maria. *Colonialidade e gênero*. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: Corpo, lugar da memória. *Letras*, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 27 mar. 2025.

MIRANDA, Fernanda. *Corpo de romance de autoria negra brasileira (1859-2006)*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 22 jul. 2024.

SOUZA, Florentina. *Gênero e “raça” na literatura brasileira*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n32, Brasília, 2008, p. 103-112.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Recebido em: 30/01/2025

Aceito em: 28/03/2025

**Virgínea Novack:** atualmente é professora no IFFAR/FW, tendo já atuado IFSUL e UFPel. Doutora em Teoria da Literatura (CAPES/PUCRS, 2024) com período sanduíche (short-term scholar) na University of Miami (UM/EUA), com bolsa CAPES PrInt de 11/2022- 04/2023 em que desenvolveu uma base de dados de escritoras brasileiras. Em 2018, foi mestra Teoria da Literatura pela PUCRS (bolsa parcial CAPES) e em 2015 graduou-se em Letras, habilitação Português e literatura, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na qual foi bolsista PIBID-UFPel (2012-2013) e PIBIC-CNPQ (2013-2014). Entre 2023 e 2024, coordenou o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual

(NUGEDS) do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), promovendo ações de formação e extensão. Interessa-se por temas envolvendo a literatura brasileira, escrita de mulheres, crítica literária feminista, pensamento decolonial e Humanidades Digitais.

**Gabriel Chagas:** é professor de literatura comparada e norte-americana na Marist University, em Nova York. Possui graduação em Letras Port/Inglês com dignidade acadêmica magna cum lauda e mestrado em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou seu primeiro doutorado em Ciência da Literatura na UFRJ e concluiu seu segundo doutorado em Estudos Linguísticos, Culturais e Literários na University of Miami nos Estados Unidos. Sua pesquisa envolve literaturas da diáspora africana nos séculos XIX e XX com abordagem decolonial e interseccional, articulando português, espanhol, inglês e francês em perspectiva comparada. Gabriel é membro do Laboratório Estudos Negros (UFRJ/UFF) no Rio de Janeiro e publicou diversos artigos em periódicos acadêmicos nos Estados Unidos, Portugal e Brasil. Com o livro *Pérolas negras na periferia* (2023), recebeu o 1º lugar no prêmio nacional Antônio Candido de Estudos Literários pela ANPOLL. Com Beatriz Resende, é responsável pela concepção e apresentação do Podcast Lima Barreto: O negro é a cor mais cortante, do Instituto Moreira Salles (IMS). Também pelo IMS, é o responsável pelo perfil de Machado de Assis no Portal da Crônica Brasileira.